

“ONDE ESTÁ A VERDADEIRA VERDADE DE SEU DISCURSO”?

Sonia Alberti *
UERJ/CNPq/EPFCL

Resumo: Partindo da diferença entre saber e verdade, conforme Lacan, Wittgenstein e Heidegger, interrogamos a noção de lalangue, em articulação a uma curta passagem, jamais antes observada por nós, da correspondência de Freud com Fliess, segundo a qual haveria uma diferença entre os Wahrnehmungszeichen e os Ubw-Spuren. Se Lacan pôde desenvolver a lógica da função de lalangue como vertente útil ao psicanalista, reencontrá-la em Freud apenas corrobora que ela não representa uma quebra de paradigma, sendo apenas novamente a inserção da intranquilidade necessária a toda nossa prática.

Abstract: Departing from the difference between knowledge and truth, according to Lacan, Wittgenstein and Heidegger, we question the notion of lalangue in conjunction with a short passage never before observed by us in the correspondence of Freud with Fliess, according to which there would be a difference between the Wahrnehmungszeichen and the Ubw -Spuren. If Lacan can develop the logic of the function of lalangue as a useful component to the psychoanalyst, rediscover it in Freud only confirms that it does not represent a paradigm shift, but is only the insertion of the necessary unrest to all our practice.

1. Introdução

Ao retomar a realização do *Vocabulário de psicanálise* por Laplanche e Pontalis, Lacan faz seu ato falho que o leva a propor um novo conceito para a psicanálise em 1971: lalangue. No lugar de dizer *Vocabulário de psicanálise*, diz: *Vocabulário de filosofia*. Este fora produzido por André Lalande e é conhecido pelo nome de seu realizador – o *Vocabulário Lalande*. Provavelmente não é sem importância que o patronímico do filósofo se associa a de um outro intelectual francês, este, astrônomo, de importância conhecida no

meio científico. O nome deste intelectual, nascido em 1732, mais de um século antes de André Lalande, era bem longo: Joseph Jérôme Lefrançois de Lalande e, em função de ser tão longo, como era longo o nome original do *Vocabulário técnico e crítico da filosofia* de André Lalande, passou a ser conhecido como “De La Lande”, às vezes, como “Le Français de la Lande”. Diz então, Lacan, em 1971: Lalangue no lugar de Lalande. Tal como o ato falho *Familionário*, de Hirsh Hyacinth – criação autobiográfica de Heinrich Heine –, analisado por Freud (1905/1999) quase setenta anos antes, e que permitira a Freud verificar como, no campo da fala e da linguagem, as verdades se dizem por contrabando, o ato falho de Lacan permite a este verificar que no contrabando descoberto por Freud está também o fato de que não só a verdade se diz, que é um meio-dizer e que é da ordem do insabido. Insabido porque de outra ordem, diferente do saber, de outra materialidade ou, como é possível equivococar em francês, de outra *moterialidade*, em que *mot* é palavra, aqui tomada como pura matéria. Dizer *Familionário* ou dizer Lalangue no lugar de Lalande testemunha do fato de que o dizer não se reduz à linguagem apesar de dela totalmente depender. A linguagem de que Lacan sempre tratou, que teve o cuidado de cingir no campo em cuja função está a fala – ou seja, o que interessa ao psicanalista –, é aquela que “permite distinguir, entre outros, o código da mensagem” (LACAN, 1971-72a, lição de 4 de novembro) o que não é outra coisa senão a maneira como “o sujeito recebe do Outro a sua própria mensagem de forma invertida” (LACAN, 1956-57/1994, p. 120), levando-o a crer que é aí que deseja. Em consequência e se “o desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 1962-63/2004, p. 32), esse Outro é apenas o significado do Outro que se sobrepõe ao código com o qual o sujeito se depara nos primeiros momentos de sua constituição como ser falante (vide a construção paulatina de Lacan do que veio a nomear como o grafo do desejo).

Disjunção entre saber e verdade, tema sobre o qual Lacan se esforça a discorrer para demonstrar, em 1971, que o saber do psicanalista não é o que visa ao sabido, mas justamente o que não se pode dizer. Wittgenstein já o havia indicado quando, terminando o seu *Tractatus*, observava que “sobre aquilo de que não podemos falar, é preciso calar”¹, proposta também retomada por Jean-Claude Milner quando observa que “O que não se diz se mostra e é necessário ser

mantido em silêncio” (MILNER, 1995, p. 168). Nesse contexto Lacan retoma o ato de Bataille que, em seu curso, calara: “no dia de sua conferência [...] ele não proferiu sequer uma palavra, não foi uma forma ruim de ostentar o não-saber” (LACAN, 1971-72a, lição de 4 de novembro). Lacan identifica essa situação em diferentes movimentos daquela época como o que era considerado chique, em particular no meio universitário em que, por preguiça institucionalizada, já não se articulava nada que pudesse testemunhar da disjunção entre saber e verdade.

Eis então a tarefa sobre a qual Lacan se debruça nessas suas conferências sobre o saber do psicanalista. O faz a partir do que identifica, com todas as letras, como sendo o seu discurso: “Enfim, dez anos antes [de Bataille grifar o não saber com seu ato, seu silêncio], fazíamos um outro achado que tampouco era ruim, em relação ao que chamo meu discurso. Eu o havia começado dizendo que 'o inconsciente era estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1971-72a, lição de 4 de novembro). Interessante notar o tempo do verbo nessa frase, quando disse que o inconsciente *era* estruturado como uma linguagem. Há uma nova estrutura que começa a se descortinar para Lacan nesse momento, aquela que se baseia no que está fora do campo da fala e da linguagem e que, em referência ao objeto *a* que teve a função de introduzir o real como consistência em seu discurso, poderíamos derivar como *a*-estrutura. Não seria exatamente a isso que Lacan faz referência quando, no mesmo ano, durante seu Seminário, observa, quanto à questão do desejo, “que ela se refere a bem mais longe, à estrutura, à estrutura graças a que é o pequeno *a* que é a causa da *Spaltung*² do sujeito” (LACAN, 1971-72, lição de 21 de junho)?

A estrutura aqui diz respeito ao saber do psicanalista porque este é, fundamentalmente, que há o insabido. Freud (1895) já o decretara desde o *Projeto para uma psicologia* quando estabeleceu na psicanálise dois destinos para as primeiras experiências de um ser falante: de um lado, aquele em que as *Vorstellungen*³ se associam, modificando-se umas às outras em função das cadeias que integram, de outro, aquele que se conserva como *Ding*⁴, que permanece para sempre imutável. É o insabido porque não se constitui de significantes, é impossível dizê-lo. Por causa dessa impossibilidade, não se encontra nos dicionários, nem de filosofia, nem de psicanálise.

“O dicionário tem a ver com a dicção, quer dizer, com a poesia e com a retórica, por exemplo. [...] Só que é justamente isso o que não tem a ver com o inconsciente. O inconsciente tem a ver com a gramática” (LACAN, 1971-72a, lição de 4 de novembro). E com a repetição, completa Lacan. E conclui: “Contrariamente ao que ainda é muito disseminado, não sei porque, a função de *lalangue*, a vertente útil para nós psicanalistas, para aqueles que têm a ver com o inconsciente, é a lógica” (idem). *Lalangue* é um construto lógico que permite supor a prévia presença de sons que constituem a própria linguagem antes mesmo do nascimento desse campo em cada sujeito. É logicamente que se deduz, a partir do uso da linguagem e de suas funções, a fala, que antes mesmo de o falaser poder dizer, ele balbucia a lalação. Ao mesmo tempo, é esse balbucio que abrirá a possibilidade da emergência do falaser que se utilizará desses sons a darem possibilidade para o dizer. Construção que também encontramos no texto de Wittgenstein de 1922: “Nada é acidental na lógica: se uma Coisa puder aparecer no conjunto dos fatos, a possibilidade do conjunto dos fatos já deve estar antecipada na Coisa⁵. Esse conjunto dos fatos é o que a linguagem pode estabelecer, mas não sem que já esteja, então, antecipado na Coisa. É esta que a *préex-siste*. E por não estar no campo da linguagem, aquele que começara o discurso que Lacan diz ser o dele – campo em que se estrutura a função da fala, que faz o conjunto dos fatos existir através dos significantes, do S2, o saber –, a Coisa, *lalangue* é da ordem do insabido, a visada do saber do psicanalista. Costuma-se associar a referência freudiana a *Ding* com o que mais tarde se tornaria, em sua teoria, o objeto perdido e, por associação, em Lacan, no objeto *a*. Mas sabemos também que faltam exatidões nessas associações, a única definição de *Ding* que encontramos em Freud (1895) é esta: permanece imutável, não se associa. Ora, a partir do *Seminário sobre a Identificação*, Lacan (1961-62) já inicia um trabalho para especificar a relação entre o S1 (o significante unário) e o objeto, justamente, numa tentativa de articulá-los logicamente com o que se pode trabalhar a partir das séries de Fibonacci e o triângulo de Paschal. Tal tentativa permite levantarmos a hipótese de que nessa época há uma equivalência entre objeto e o Um do significante, ao mesmo tempo em que há uma radical impossibilidade na associação entre ambos. Não é inoportuno lembrarmo-nos aqui da própria carta de 6 de dezembro de 1896 de

Freud a Fliess (posterior, portanto, à redação do “Projeto”), em que discute a unaridade das inscrições e a esquematiza: há uma primeira percepção, em seguida, essa percepção deixa um traço de percepção (*Wahrnehmungszeichen*) que é “a primeira inscrição (*Niederschrift*) das percepções, incapaz de consciência, e que se dá via associações por simultaneidade (*Gleichzeitigkeitsassoziationen*)” (FREUD, 1896/1999, p. 218). A segunda inscrição – que se gera provavelmente via outro tipo de relações, “talvez causais” (idem) – são pegadas, pistas, traços inconscientes (*Ubw-Spuren*) que tampouco seriam acessíveis à consciência. Chamo a atenção para esse pequeno detalhe que eu nunca havia valorizado: Freud se utiliza aqui de dois termos diferentes conforme esteja falando dos traços de percepção, completamente impossíveis de um acesso da consciência, e as pegadas, pistas, traços do inconsciente que, no fim das contas, também não são acessíveis pela consciência, diferentemente das anotações no pré-consciente, ligadas às representações de palavra – referência que Freud mantém pelo menos até 1915/1975, segundo a qual apenas essas podem estar no pré-consciente –, que corresponderiam ao nosso “Eu oficial” (sic). Abaixo um pouco, Freud observa: “Quero ressaltar que essas inscrições que se seguem umas às outras, apresentam o trabalho psíquico de sucessivas épocas da vida” (idem). Quando retomaria esse esquema em *A Interpretação dos sonhos*, tal diferença já não aparece entre os traços mnêmicos que se inscrevem apenas como traços de percepção e aqueles que, segundo essa passagem de 1896, se inscreveriam como pegadas, pistas, traços inconscientes. Escreve: “Nossas percepções também se presentificam na memória enquanto ligadas, ou seja, sobretudo pelo encontro unilateral na simultaneidade” (FREUD, 1900/1972, p. 515). Quando chamo a atenção para isso é porque caberia bem aqui uma pergunta: até que ponto Freud não antecipara a possibilidade de haver registros originais para um sujeito em formação, anteriores àqueles que hoje, com Lacan, comporiam o inconsciente do campo da linguagem? Não seria a lalangue exatamente dessa ordem, registros de percepções na relação com o Outro, ainda não tornados significantes?

2. A verdade histórica.

Se é nesse início do trabalho de Freud que encontro uma possível orientação para cingir nele um abrigo para o que Lacan viria a lançar

quase oitenta anos depois como conceito, é no final do trabalho de Freud que se avizinha uma noção que não é de todo desinteressante para avançar aqui em minha proposta. Esta se afina: qual é a verdade do discurso psicanalítico a partir do que Lacan pode distinguir nele em relação ao saber em geral? Avancemos.

Historische Wirklichkeit. Sintagma utilizado por Freud sobretudo em um de seus últimos textos, que ficou inacabado, “Moisés e o monoteísmo”: a verdade histórica é aquela que só pode ser construída. *Wirklichkeit* é um conceito que avizinha a realidade sem sê-la (cf. COUTO; ALBERTI, 2013).

3. A verdade do discurso de Lacan

Na lição inaugural de seu *Seminário sobre a Identificação*, quando Lacan está iniciando sua construção lógica para a resposta à pergunta de todo ser falante “Quem sou eu?”, seus alunos gozam do raro direito de escutar uma pequena passagem ocorrida numa sessão de análise de um de seus analisantes. Lacan observa que se trata de um sonho e acrescenta: de um sonho a gente pode falar.... Ele nem conta o sonho todo, apenas uma frase com a qual sonha seu analisante: “Por que, sonhava um de meus analisantes, ele não diz o verdadeiro sobre o verdadeiro?” (LACAN, 1961-62, lição de 15 de novembro). O “ele”, do sonho, era uma referência ao analista que, segundo seu analisante, nunca dizia a última palavra. Depois de ironizar a expectativa de que diga a verdadeira verdade, Lacan observa o seguinte:

a verdadeira verdade, esse termo, tem um sentido, e eu diria mais: é sobre esse sentido que está edificado todo o crédito da psicanálise. A psicanálise começou a se apresentar ao mundo como sendo aquela que traria a verdadeira verdade [...] essa verdadeira verdade é o lado oculto das cartas” (LACAN, 1961-62, lição de 15 de novembro).

Lacan então se espanta que ainda não fora feita nenhuma ponta de esforço para iniciar o que quer que seja que responda a essa expectativa em relação à psicanálise. Razão de ele, Lacan, acabar por confessar que se sente até bastante lisonjeado quando é interrogado sobre esse tema: “onde está a verdadeira verdade de seu discurso?”. Voltaria à questão quatro anos depois, citando, *en passant*,

novamente, o sonho de seu analisando. Nesse novo contexto, não está às voltas com o saber do psicanalista, mas com a relação entre psicanálise e ciência, que se fundamenta no fato de ambas terem o mesmo sujeito. A verdadeira verdade na psicanálise está no fato de sua disjunção com a ciência, pois para esta esse ponto está velado e “é por isso que vocês mantêm esse lugar espantosamente preservado no que faz ofício de esperança nessa consciência vagabunda ao acompanhar em coletivo as revoluções do pensamento” (LACAN, 1965-66, lição de 1 de dezembro). Mas é aqui também que Lacan disseca a disjunção entre verdade e saber, referida ao início desse seu seminário que trata da *Spaltung*, a divisão do sujeito entre verdade e saber. Lacan pergunta: “o saber sobre o objeto *a* seria então a ciência da psicanálise?” e responde que essa seria justamente a fórmula a evitar porque esse objeto *a* deve ser inserido “na divisão do sujeito através da qual se estrutura [...] o campo da psicanálise” (LACAN, 1965-66, lição de 1 de dezembro). De certa forma, afirma:

esse objeto *a* não é tranquilo, ou talvez é preciso dizer, seria possível que ele não os deixa tranquilos? E ainda menos aqueles que mais têm de se haver com ele: os psicanalistas, que seriam então aqueles que, de forma eletiva, tento fixar através do meu discurso” (LACAN, 1965-66, lição de 1 de dezembro).

O discurso de Lacan então, que se dirige de forma eletiva aos psicanalistas, visa à estrutura da divisão através da qual se estrutura o campo da psicanálise. Aquele campo que, conforme observamos quando retomávamos a primeira conferência sobre o “Saber do psicanalista”, é o campo que, originalmente, era o da linguagem.

É interessante observar que nessa lição de seu Seminário de 1965-66, Lacan observa, entre outras ciências, a linguística. Dela diz que, sua sutileza decorre do fato de que ela deve “integrar a diferença do enunciado à enunciação, o que é bem a incidência do sujeito que fala enquanto tal” (LACAN, 1965-66, lição de 1 de dezembro). Por isso ela se centra sobre a bateria do significante que prevalece sobre os efeitos de significação, o que a leva bastante longe na elaboração dos efeitos da linguagem, “porque daí se pode construir uma poética que não deve nada à referência ao espírito do poeta, nem à sua encarnação” (LACAN, 1965-66, lição de 1 de dezembro). Se há

diferenças teóricas na linguística, isso se deve à sua relação com o sujeito da ciência, do lado da lógica - “umbigo do sujeito” (porque daí se pode construir uma poética que não deve nada à referência ao espírito do poeta, nem à sua incarnação). Anos depois, Lacan (1976-77), ele próprio diria como o tangencia, não exatamente como poeta, nem suficientemente poeta, reintroduzindo, mais uma vez, a intranquilidade daquele objeto em seu discurso.

Poderíamos então dizer que a verdade do discurso de Lacan implica essa reinserção, a cada vez, do que intranquiliza? Seria então um discurso a visar sempre novamente a quebra de paradigmas, como se quer o avanço do discurso da ciência?

Mas não. Lacan dá aqui, em 1965, a sua resposta: a retoma de seu texto sobre “A coisa freudiana”: Eu, a verdade, eu falo – “Moi la vérité, je parle” (LACAN, 1955/1966, p. 409). É por falar que chega a lalíngua a quebrar a linguagem – e justamente não o paradigma!. Isso é muito importante, porque se confundimos as coisas ficamos com a impressão de que já não se trata mais de linguagem... mas é claro que se trata dela! –, partindo do inconsciente saber em direção ao inconsciente real. Pois “se eu falo de linguagem é porque se trata de traços comuns a serem encontrados em lalangue” (LACAN, 1971-72a, lição de 4 de novembro). Pois naquela época, em 1965, o que interessava a Lacan era reencontrar a via aberta por Freud, “cujo único sentido é o que retomo: o inconsciente é linguagem” (LACAN, 1965-6, lição de 1 de dezembro). E se isso já estava adquirido por todos em 1965, quando dava seu seminário sobre o objeto da psicanálise, era necessário intranquilizar de novo. E é assim que Lacan encontra lalangue. Observa, com Picasso, que não procura, acha; não experimenta, escande, até que um dia escandiu – de Lalande – lalangue “e no campo de lalangue, a operação da fala” (LACAN, 1971-72a, lição de 2 de dezembro). Mais uma vez é se dirigindo aos psicanalistas que o faz pois, logo em seguida, observa: “não há uma única interpretação analítica que não deixe de dar, a qualquer proposição que encontremos, a sua relação com um gozo”; e acrescenta: “o que quer dizer a psicanálise? Que essa relação com o gozo é a fala que assegura a dimensão de verdade” (LACAN, 1971-72a, lição de 2 de dezembro). E isso, por que? Porque o gozo sexual com o qual a psicanálise nos confronta no dia a dia de sua prática só pode se articular quando “exige encontrar isso, que só tem dimensão

em lalangue e que se chama a castração” (LACAN, 1971-72a, lição de 2 de dezembro). É da *Wirklichkeit* freudiana que pude aproximar da real verdade, ou verdadeira realidade, que se trata e que dista de uma verdade verdadeira que não há, da forma como Lacan o pode afirmar de dez em dez anos – 1955, 1965-66, 1976-77 –, ou seja, em “A coisa freudiana”, “O objeto da psicanálise” e, finalmente, “O insabido que sabe...”. É essa última referência que me inspirou a retomar a questão há quase cinco anos (ALBERTI, 2013). De um lado, lalangue, o fora de sentido, *jitanjáfora*. De outro, o poema, que produz um sentido inédito quando é possível sustentar o discurso tendo em conta, sempre novamente, a intranquilidade da castração. Engana-se aquele que julga que o poema é letra de gozo fora de sentido, observa Soler (2011): “O poema, é verdade, manipula a matéria sonora da língua, às vezes de forma genial [...]. Mas o poema é um dizer [...], segundo Lacan, é mesmo ‘o dizer o menos bobo’”, passível de interpretação. Daí Lacan concluir ser um poema um “nó que se centra na não relação, na castração” (DAHAN, 2011). *Là, quand?* Lá, quando? (ler, sobre isso, BOUSSEYROUX, 2007) – eis onde se centra Lacan.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, S. (2013) “Ato e poema: Rimbaud”. In: MIRANDA, E.R.; CERQUISE, G. (Org.). *A Clínica do ato*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- BOUSSEYROUX, M. (2007). “Signé ‘Là quand’”. In: *Objet kleinien et passe*. Disponível em: <<https://goo.gl/TujFAj>>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- BURKHARDT, A. (1987). “Verpflichtung und Verbindlichkeit. Ethische Aspekte in der Rechtsphilosophie Adolf Reinachs”. In: MULLIGAN, K. *Speech Act and Sachverhalt*. Reinach and the foundations of realist phenomenology. Dordrecht: Martinus Nijhoff publishers. Disponível: <<https://goo.gl/XLbgIo>>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- COUTO, R.; ALBERTI, S. (2013) “Moisés e a verdade: retorno à questão da verdade histórica”. In: *Trivium: Estudos Interdisciplinares: psicanálise e cultura*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jun. 2013, p.85-102.
- DAHAN, P. (2011). “Unidade da linguagem, singularidade d’alíngua”. In: *Wunsch*, Rio de Janeiro, n. 11, out. 2011, p. 33-37.
- FREUD, S. (1895/1999). “Entwurf einer Psychologie”. In:

- Gesammelte Werke*, v. Nachtragsband, p. 375-488. Frankfurt: S. Fischer Verlag.
- _____. (1986) *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904*. Frankfurt: S. Fischer Verlag.
- _____. (1900/1972). “Die Traumdeutung”. In: *Studienausgabe*. Vol. II. Frankfurt: S. Fischer Verlag.
- _____. (1905/1999). “Der Witz und seine Beziehungen zum Unbewussten”. In: *Gesammelte Werke*, v. VI. Frankfurt: S. Fischer Verlag.
- _____. (1915/1975). “Das Unbewusste”. In: *Studienausgabe*, v. III, p.119-174. Frankfurt: Fischer Verlag.
- _____. (1938/1975). “Die Ichspaltung im Abwehrvorgang”, In: *Studienausgabe*, v. III, 1975, p. 389-395. Frankfurt: S. Fischer Verlag.
- HEIDEGGER, M. (1950). “Das Ding”. In: *Vorträge und Aufsätze*. Teil 2. Disponível em: <<https://goo.gl/dhs5i1>>. Acesso em: 25 set. 2016.
- LACAN, J. (1955/1966). “La chose freudienne”. In: *Écrits*. Paris, Seuil, p. 401-436.
- _____. (1956-57/1994). *Le Séminaire, livre IV, La Relation d'objet*. Paris, Seuil, 1998.
- _____. (1961-62). *Le Séminaire, livre IX, L'identification*. Disponível em: <<https://goo.gl/WuKa3f>>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- _____. (1962-63). *Le Séminaire, livre X: L'Angoisse*. Paris: Seuil, 2004.
- _____. (1965-66). *Le Séminaire, livre XIII, L'objet de la psychanalyse*. Disponível em: <<https://goo.gl/cfKkph>>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- _____. (1971-72). *Le Séminaire, livre XIX, ...Ou pire*. Disponível em: <<https://goo.gl/yoJuwg>>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- _____. (1971-72a). *Le savoir du psychanalyste*. Conferências inéditas. Disponível em: <<https://goo.gl/nGyLNC>>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- _____. (1976-77). *Le Séminaire, livre XXIV, L'insu qui sait d'une bévue s'aile à mourre*. Disponível em: <<https://goo.gl/bGmKvG>>. Acesso em: 9 jun. 2016.
- MILNER, J.-C. (1995). *L'OEuvre claire*. Paris, Seuil.
- SOLER, C. (2011). “Colocar o real no seu lugar”. In: *Wunsch*, v. 10, jul. 2010, p. 27-30. Disponível em: <<https://goo.gl/CgJ7h8>>. Acesso

em: 9 jan. 2017.

WITTGENSTEIN, L. (1922/2010). *Tractatus Logico-Philosophicus. Logisch-philosophische Abhandlung.* Disponível em: <<https://goo.gl/OU1SmV>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

Palavras-chave: lalangue, verdade, saber, significante, objeto a

Keywords: lalangue, truth, knowledge, signifier, object a

Notas:

* Professora Associada do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); procientista da UERJ; pesquisadora do CNPq; analista membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Endereço: Rua João Afonso, 60, casa 22, CEP: 22261-040, Rio de Janeiro/RJ. E-mail: sonialberti@gmail.com

¹ “Wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen” (WITTGENSTEIN, 1922/2010).

² Normalmente traduzida por “divisão”, é aqui uma referência de Lacan ao texto freudiano “Die Ichspaltung im Abwehrvorgang” [A divisão do sujeito no processo de defesa] (FREUD, 1938/1975).

³ Normalmente traduzida por “representações”, mas também associada ao conceito de significante, conforme a leitura de Lacan.

⁴ Traduz-se como a Coisa, desde o momento em que Lacan passou a chamar a atenção para esse termo em Freud, associando-o a *La Chose*, tradução francesa de um artigo de Heidegger (1950) que dá ao termo sua acepção na língua alemã.

⁵ Retomo a frase em alemão para justificar minha tradução: “In der Logik ist nichts zufällig: Wenn das Ding im Sachverhalt vorkommen kann, so muss die Möglichkeit des Sachverhaltes im Ding bereits präjudiziert sein” (WITTGENSTEIN: 2012). Utilizei a tradução publicada por José Arthur Giannotti, a partir do site <<https://goo.gl/A0LhXt>>. No entanto, essa tradução não distingue o uso do termo *Ding* do de *Sache* e traduz *Verhalt* por estado – há grandes debates sobre a questão do *Sachverhalt*, mas é possível observar que se referem, necessariamente, aos fatos implicados moral, ética, cultural e socialmente (cf., por exemplo, BURKHARDT, 1987, p. 161), ou seja, na linguagem. Ora, sendo a nossa leitura psicanalítica, não podemos deixar de identificar aí o desenvolvimento feito por Freud, desde 1891, entre ambos os termos: *Ding* e *Sache*. Prova disso é que o tradutor nem mesmo reafirma a Coisa no final da frase, como se *Ding* e *Sachverhalt* se misturassem. Para o nosso discurso, não. Muito ao contrário. (Sugiro a releitura do apêndice do texto “O Inconsciente” (FREUD, 1915/1975), ou seja, os trechos retomados de seus estudos sobre a afasia, de 1891).